

Adalberto Geovani
Nunes Corrêa
Bolsista FAPERGS
no Programa de
Pós-Graduação
(Mestrado) em Artes
Visuais / UFPEL
geovaninestrado@
gmail.com

Claudio Tarouco
de Azevedo
Bolsista CAPES do
Programa Nacional
de Pós-Doutorado
(PNPD); professor
colaborador no
Programa de
Pós-Graduação
(Mestrado) em Artes
Visuais / UFPEL
claudiohifi@
yahoo.com.br

Projeto Mão Dupla: itinerância entre Produção, Pesquisa e Estágio Docência

*Mão Dupla project: roaming between Production,
Research and Teaching Internship*

Resumo: O Projeto Mão Dupla foi impulsionado por uma proposta de micro intervenção, se desenvolveu através de uma produção prática em audiovisual junto a seis colaboradores, permanece disponível para visualização e compartilhamento na internet, e vem sendo abordado de maneira prática e teórica dentro de uma disciplina na qual realizo o estágio docência. Em forma de relato, neste texto tento contextualizar o surgimento, a execução, os métodos, os resultados obtidos até esta publicação e os novos rumos que este projeto poderá trilhar.

Palavras-chave: Projeto Mão Dupla; Intervenção; Audiovisual.

Abstract: The project *Mão Dupla* was driven by a micro intervention proposal developed through an audiovisual practical production with six contributors, remains available for viewing and sharing on the Internet, and is being addressed in a practical and theoretical way within a discipline in which realize the teaching stage. In the form of reports, this text try to contextualize the emergence, implementation, methods, results obtained by this publication and the new directions that this project could walk.

Keywords: *Mão Dupla* project; Intervention; Audiovisual

PROJETO MÃO DUPLA

Como idealizador do Projeto *Mão Dupla*¹, busco salientar a dupla autoria em trabalhos artísticos, aqui especificamente na linguagem audiovisual. Uma metáfora literal como título. É um trabalho feito por duas mãos, e também, a partir das duas linguagens, o *áudio* e o *vídeo*. A mão de quem recortou um fragmento de tempo a partir da linguagem vídeo, e a mão de quem compôs a sonoplastia para esse fragmento/vídeo a partir da linguagem *áudio*.

Partindo do prefixo *micro*, com base em minha produção audiovisual e trabalhando com a ideia de intervenção - no campo da arte -, este projeto de micro intervenção se divide em dois momentos: pessoal e coletivo. O primeiro, que está relacionado a produção de seis trabalhos para os quais contei com a colaboração de seis convidados, um para cada trabalho, sendo esta a primeira intervenção - *pessoal*. O segundo momento, se deu quando parte dessa produção foi apresentada aos colegas da disciplina de Poéticas Audiovisuais, vinculada ao Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, sendo a primeira exibição e experiência obtida a partir dessa segunda etapa de intervenção - *coletiva*.

Como proposta à turma, os projetos de microintervenção dos alunos deveriam estar relacionados ao conteúdo da disciplina, tecendo então, a partir das *Três Ecologias de Félix Guattari*², algumas relações e atravessamentos da teoria com a prática dessas intervenções.

Essa microintervenção se deu em função de uma vontade gerada pela minha pesquisa de mestrado. Como seria produzir em dupla? O que os resultados apontariam contra ou a favor desta vontade? A coautoria estaria dentro da pesquisa a partir de então, ou, seria uma produção paralela a minha produção individual após todos os processos analisados em tentativas de compreendê-los?

Neste momento, a ideia foi trabalhar uma possível diluição da autoria dentro da minha produção audiovisual, propondo que os convidados criassem sons ou imagens para um trabalho em dupla autoria. Especificando a estes convidados, caso necessário, o que de fato abrange minha pesquisa, e objetivos com o Projeto Mão-Dupla.

Após definir os convidados, apresentei a proposta, e seis aceitaram participar. Cada um destes convidados fez dupla comigo. Com alguns trabalhei o vídeo, com outros o áudio. Dividi o projeto em duas categorias e dois grupos: a três deles solicitei vídeos para que eu musicasse, a outros três entreguei vídeos para que fossem musicados. Quem cede o vídeo tem como ob-

1. Toda a produção audiovisual relacionada a pesquisa Estado de Escuta está disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLomUKAaTPs_kKPLNvZGIIho05eEqLZFGA

2. Félix Guattari (1930 - 1992) foi um filósofo, psicanalista e militante revolucionário francês.

jetivo mostrar algo a alguém - como se estivesse andando junto, apontando para um cenário, tema, objeto, etc... -, a fim de provocar nesse alguém uma sensação. Quem recebe o vídeo, tem como objetivo assistir e musicá-lo. Para experienciar de maneira integral neste projeto, participei das duas instâncias.

Produzi três vídeos sem som, e direcionei a três dos convidados. Um para cada um. Pedi para que produzissem a sonoplastia destes vídeos, baseado na experiência que tivessem ao assistir o vídeo. Ou seja, musicar a imagem baseado em sua percepção de algo visual.

Recebi três vídeos, dos outros três convidados, um de cada um. Apesar do estranhamento e surpresa em cada um dos vídeos, criei o som também a partir do que senti a ao vê-los.

Por tratar das especificidades, das particularidades em cada uma das relações de amizade que tenho por cada um, nesse caso, sinto por estas pessoas algo novo ou renovado, mais intenso e mais verdadeiro, gerado e nutrido através dessa articulação artística. Estas pessoas se propuseram ao novo, a ideia de *devenir* de quem cede algo ou de quem sente algo, a outrarem-se em dupla, saindo do sossego de seus territórios para se tornarem desterritorializados nesta intervenção.

Em nenhum momento expliquei ou induzi os convidados a fornecer ou obter algum resultado sonoro ou visual para me satisfazer. Assim como quem cede um vídeo surpreende seu companheiro, quem cria o áudio surpreende ao devolvê-lo, ao assisti-lo completo. Lida com o tempo de quem espera, de quem demora e de quem provoca. Lida com a *produção de subjetividade* de dois indivíduos em um único suporte. Na condição de produzir com as duas situações, três pessoas me mostraram visualmente locais e situações que talvez jamais se repitam no fluxo da minha vida, e outras três pessoas, apresentaram-me sonoridades surpreendentes de situações que foram criadas pelo fluxo de suas vidas. São *transversalidades* geradas por conteúdos, atmosferas que se misturaram para criar uma nova atmosfera, a do coletivo.

Esta etapa do projeto se encontra relacionada ao pensamento de

Guattari acerca desse assunto:

A ecosofia social consistirá, portanto, em desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho etc. [...] A questão será literalmente reconstruir o conjunto das modalidades do ser-em-grupo. E não somente pelas intervenções "comunicacionais", mas também, por mutações existenciais que dizem respeito à essência da subjetividade. Nesse domínio, não nos ateríamos às recomendações gerais, mas faríamos funcionar práticas efetivas de experimentação tanto nos níveis microsociais quanto em escalas institucionais maiores (1990, p. 15 e 16).

A partir dessa compreensão de que há uma necessidade de mudança no coletivo, e que essas práticas de experimentação são necessárias, observei o primeiro resultado após a apresentação do Projeto *Mão Dupla* aos colegas nessa disciplina. Após assistirmos quatro vídeos prontos, todos teceram comentários a partir de seus pontos de vista e estabeleceram conexões com as sensações sentidas na experiência. Senti que de uma maneira *micro* a intervenção aconteceu primeiramente em mim, depois, com esse pequeno grupo de colegas, me fazendo crer que ao disponibilizar via internet todos os vídeos, e realizando algumas apresentações e publicações deste material, apesar de *micro* a intervenção passa para um nível global, já que compreende um compartilhamento entre redes cada vez mais alargado.

Apostando dessa maneira no audiovisual como um dispositivo duplo - visual e sonoro -, que lida com o espaço e o tempo do espectador, possibilitando a imersão a partir da percepção em diferentes graus, diferentes maneiras em diferentes indivíduos.

O Projeto *Mão Dupla* surge e acontece baseado nestes diversos apon-

tamentos citados até então, e nada mais são do que cruzamentos obtidos de experimentações entre a técnica, as práticas e as teorias. Algo que parte de um *indivíduo* para o *coletivo*, do *local* onde se encontram. São atravessamentos que Guattari expõe como *Ecologias* mental, social e ambiental. Meu projeto se localiza na *ecologia mental* no que tange somente a criação e idealização, e também, minha produção de subjetividade a partir do que esse projeto me propicia. Caminha em direção à *ecologia social* a partir do momento que proponho uma parceria de trabalho em dupla a seis convidados, e amplia esse nível *social* à medida que esse trabalho é apresentado e compartilhado a outros. Fazendo com que dê certa visibilidade a *ecologia ambiental*, que torna aparente um local geográfico de onde esses trabalhos foram produzidos, em dupla, por estes indivíduos. Ao final, se tornam dispositivos de provocação a percepção. Seguirão evocando a *subjetividade* de outros indivíduos, assim como daqueles que participaram como agentes promotores, permitindo *transculturalizar* suas bagagens, acionadas a partir de suas vivências e experiências de mundo.

Atravessamentos, desdobramentos, multiplicidade, transversalização, são potências que somente a ferramenta arte teve, tem e terá. Ser utilizada para *harmonizar* ou *contestar* o presente, propiciar novos rumos, novas possibilidades, comportamentos e ideais para o modelo de sociedade vigente. Creio que o *paradigma ético-estético* do autor trate dessa responsabilidade. Ou precisamente da responsabilidade de quem produz algo, e, para quem isso é produzido. No campo da arte os dispositivos podem ser variados, quem está habilitado de fato é quem usa corretamente da *ferramenta arte* para propor mudanças em prol de mentes, sociedades e ambientes futuros.

Ao retomar este projeto como base para apresentação de um conteúdo no estágio docência - na disciplina de Ateliê de Artes do Vídeo³, ministrada junto ao meu orientador -, especificidades já contidas no trabalho, mas não observadas, motivaram novas ideias e perspectivas. A reprodução do conteúdo do projeto para esta turma também incentivou novos debates

e discussões sobre a percepção do sujeito em relação ao som e a imagem - que já me interessava anteriormente -, mas, as questões relacionadas a técnica e a tudo que estava entre a pré e a pós-produção destes audiovisuais foram as novidades e descobertas alcançadas através desta troca, nunca antes tratadas. Novamente a potência contida nesta intervenção se fez para mim e para todos. Ou melhor, àqueles que de certa forma se manifestaram, intuíram, mergulharam, emergiram, fruíram, expressaram e sentiram algo em relação a esta produção, questionando e possibilitando que eu expressasse uma diversidade de ideias relacionadas aos processos criativos, as questões técnicas, aos formatos de compartilhamento, ao posicionamento e localização social-cultural-geográfica como artista-pesquisador, aos referenciais artísticos e teóricos que tecem relação com minha pesquisa, e ainda, as sugestões e probabilidades para futuras produções.

O retorno que obtive, tanto oral, quanto por escrito, está sendo fundamental para uma nova compreensão do caráter experimental desta pesquisa, e também, da necessidade de que estas experimentações construam e me ajudem a traçar uma metodologia mais ampla, alargada, que contemple essa diversidade de fatores citados anteriormente. Este projeto foi apresentado e, junto ao orientador, definido como proposta de avaliação dos alunos desta disciplina, o que me faz crer que novas práticas, inquietações, intervenções acontecerão ao analisar as produções a serem desenvolvidas.

A ideia de itinerância, associada ao título deste texto, é dada para algo que se apresenta com um caráter nômade, que perspectiva o novo, que constrói o trajeto a partir da própria caminhada, que revisita cada passo, e nas descobertas, hoje estão as motivações para novas inquietações. Quando este tipo de trajeto, apesar de individual, pode ser construído pelo coletivo como no Projeto Mão Dupla, essa itinerância se faz presente em cada um de nós.

Associado ao pensamento de Deleuze⁴ que diz:

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores.
Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas;
para um cientista, filósofos ou artistas – mas também
coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios
ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar
seus próprios intercessores. (Deleuze, 1988, p. 156)

Como *intercessores* – emissores ou receptores, de maneira direta ou indireta – somos responsáveis pelas relações e fronteiras que criamos, forjamos, construímos e destruimos, a sós ou acompanhados, e a grande potência na construção de um ambiente ideal -pensando o *mental*, o *social* e o *ambiental* - está em produzi-las juntos, estreitando as relações, as compreensões e se utilizando do veículo arte para dar *forma* a este *informe*.

Em um *Estado de escuta*⁵, no fluxo destas poéticas audiovisuais, permaneço em atenção com o porvir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. — Campinas, SP: Papyrus, 1990.

LARROSA, J. Bondia. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Online. Acessado em 02 abr. 2015. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbdigital/rbde19/rbde19_04_jorge_larrosa_bondia.pdf.

VASCONCELLOS, Jorge. **A filosofia e seus intercessores: Deleuze e a não-filosofia**. *Educ. Soc. [online]*. 2005, vol.26, n.93, pp. 1217-1227. ISSN 0101-7330. Acessado em 02 abr. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302005000400007>.